

Pedro Farias FRANCELINO
Universidade Federal de Campina Grande
pedrofrancelino@yahoo.com.br

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 174p.



O ensaio “Os gêneros do discurso” talvez constitua um dos textos mais lidos e conhecidos entre os escritos do chamado Círculo de Bakhtin, sobretudo no Brasil, uma vez que esse ensaio é tomado como referência tanto para investigações discursivas quanto para a reflexão sobre o ensino de língua/linguagens. A versão que utilizo neste comentário é a que foi publicada pela Editora 34, em 2016, edição que trouxe também outro ensaio¹ do autor igualmente conhecido no meio acadêmico brasileiro, acrescido de um manuscrito inédito². Entretanto, esse manuscrito integra a coletânea “Estética da criação verbal”, que já tem várias edições publicadas em língua portuguesa, no Brasil, desde as traduzidas do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira, quanto as traduzidas diretamente do russo por Paulo Bezerra, ambas disponibilizadas pela editora Martins Fontes. “Os gêneros do discurso” foi escrito por Bakhtin entre os anos de 1952 e 1953. O texto é dividido em duas

¹ Trata-se de “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”.

² Refiro-me a “Diálogo I. A questão do discurso dialógico” e “Diálogo II”.

partes: “O problema e sua definição” e “O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações)”.

Na primeira parte, o autor se incumbe da tarefa de definir a noção de gênero do discurso situando-a em meio a um conjunto de outras noções igualmente importantes, tais como enunciado, esfera (ou campo) da comunicação, chamando a atenção para a riqueza, a diversidade e a heterogeneidade dos gêneros. De forma didática, o autor situa o leitor acerca da problemática que envolve o tema, o que remonta à Antiguidade e se estende ao século XX, com as ideias da linguística estruturalista de Saussure. Além da conceituação, caracterização e histórico, Bakhtin apresenta uma taxionomia dos gêneros do discurso, classificando-os – ainda que de forma não estanque – em gêneros primários e gêneros secundários, tipologia cuja preocupação já não provoca tanta importância nos estudos contemporâneos, como já foi há um tempo.

Na primeira parte, Bakhtin se ocupa, primordialmente, da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos variados campos da atividade humana, debate importante para estudos linguísticos e filológicos. Nesse sentido, o restante dessa primeira parte do ensaio é dedicado a uma discussão sobre como a estilística e a gramática – disciplinas linguísticas que se ocupavam da língua em sua dimensão formal – se perdem em sua tarefa de abordar o caráter vivo dessa língua manifestado nas escolhas linguísticas que o falante faz ao enunciar. Segundo Bakhtin (2016, p. 16-17):

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.

A partir dessas considerações, Bakhtin procede a um exame mais detalhado da forma como a estilística e a gramática, ao desconsiderarem a natureza do enunciado, passam ao largo de questões extremamente importantes para a investigação linguística. Em relação à estilística, especificamente, ele argumenta que o estilo está intrinsecamente relacionado ao enunciado e suas formas típicas, isto é, aos gêneros do discurso, problematizando também a individualidade do falante e o seu reflexo nos enunciados, sendo uns mais propícios que outros à manifestação dessa subjetividade. Essa discussão resulta numa distinção entre estilo individual e estilo do gênero, sendo os gêneros artístico-literários mais favoráveis e os gêneros do discurso padronizados (ou formulaicos, como diríamos hoje) os menos propícios ao reflexo da individualidade na linguagem. Disso decorre a crítica bakhtiniana à disciplina estilística, embora, evidentemente, Bakhtin reconheça o lugar e a importância de uma estilística da língua, conforme ele mesmo aponta. Contudo, sua ênfase recai sobre a necessidade de uma estilística fundamentada no estudo dos gêneros do discurso:

O estilo integra a unidade do gênero do enunciado como seu elemento. Isto não significa, evidentemente, que o estilo de linguagem não possa se tornar objeto de um estudo especial independente. Semelhante estudo, ou seja, a estilística da língua como disciplina autônoma, também é possível e necessário. No entanto, esse estudo só será correto e eficaz se levar permanentemente em conta a natureza do gênero dos estilos linguísticos e basear-se no estudo prévio das modalidades de gêneros do discurso. (Bakhtin, 2016, p. 18-19).

Já em relação à gramática, o autor finaliza a primeira parte do ensaio apontando as relações existentes entre gramática e estilística, embora elas sejam campos diferentes de estudo da língua. Nesse sentido, mais uma vez, Bakhtin ressalta a urgente necessidade de compreensão aprofundada da natureza do enunciado e das particularidades dos gêneros do discurso, o que colocaria cada campo em seu devido lugar, com tarefas e procedimentos metodológicos mais bem definidos. É com esse mote que ele passa à discussão apresentada

na segunda parte do ensaio, defendendo a ideia de que o “[...] o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações. (Bakhtin, 2016, p. 22, destaque do autor).

A segunda parte do ensaio representa uma contribuição muito produtiva e bastante significativa para os estudos da linguagem, uma vez que Bakhtin define a natureza do enunciado, concebendo-o como unidade da comunicação discursiva, bem como apresenta as particularidades que o diferenciam das unidades da língua, como as palavras e as orações. Esse gesto teórico-metodológico traz implicações muito relevantes para a compreensão do funcionamento da língua, não mais entendida apenas como expressão das ideias e como sistema de comunicação, mas, sobretudo, como uma atividade interativa, responsiva.

Para isso, o autor estabelece uma instigante interlocução com a linguística de seu tempo e das teorias formais que postulavam a atividade comunicativa como um exercício mecânico/monológico em que um fala e outro ouve. Bakhtin propõe uma nova forma de conceber o processo comunicativo, defendendo que, na compreensão do significado de um discurso, o ouvinte “[...] ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: [...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (Bakhtin, 2016, p. 25). Essa sua visão, se não rompe, amplia significativamente o modo de abordar o fenômeno da interação socioverbal, diferentemente do quadro teórico-metodológico estabelecido pelas teorias da comunicação como a que foi proposta por Jakobson, por exemplo. O autor arrefece essa discussão problematizando o pensamento linguístico da época como

metodologicamente confuso e terminologicamente indefinido: o desconhecimento da verdadeira unidade da comunicação discursiva, que é o enunciado.

Hoje, olhando pelo retrovisor da história dos estudos da linguagem, da literatura, talvez não pareça um feito inovador, mas considerando o contexto epistemológico da época, a compreensão de Bakhtin acerca da comunicação abrange não só a concepção de língua, mas o papel da alteridade como fundamento da atividade interativa. Nesse sentido, o ensaio prossegue com o objetivo de demonstrar as principais especificidades da natureza do enunciado: a alternância dos sujeitos do discurso; a conclusibilidade específica do enunciado; a relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação discursiva; e, ainda, a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento.

O texto é indicado para alunos de cursos de graduação e de pós-graduação em Letras/Linguística e para todos os interessados nas questões de linguagem, particularmente nos estudos do texto e do discurso, considerando o alcance das reflexões propostas, as quais são potentes e muito produtivas para a leitura e análise de enunciados de qualquer esfera da atividade humana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.